

---

## CULTURA QUEER E LGBTFOBIA: PODER, ESTÉTICA E COMUNICAÇÃO

### *QUEER CULTURE AND LGBT-PHOBIA: POWER, AESTHETICS, AND COMMUNICATION*

---

**MAXIMILIANO OSCAR ZAPATA**

Universidade Federal do Ceará

**FÁBIO PEZZI PARODE**

Universidade Federal do Ceará

**AGEMIR BAVARESCO**

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

**NYTHAMAR HILARIO FERNANDES DE OLIVEIRA JUNIOR**

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

---

34

**Resumo:** O presente ensaio aborda, na perspectiva transdisciplinar, questões relativas à comunicação, cultura e estética. Tem como objetivo problematizar o discurso de gênero no campo dos mídias, destacando a representação dos LGBTQIA+, ressaltando questões acerca da conformação do poder em suas expressões políticas, religiosas e culturais. Busca-se identificar nos diferentes objetos de cultura selecionados, o discurso lgbtfóbico e suas violências contra as subjetividades e os corpos queer. Para tal empreendimento, utilizamos como objeto de análise e ponto de partida para a reflexão, a exposição *Queermuseu: cartografias da diferença na arte brasileira*, assim como, o *Relatório: Observatório de mortes violentas de LGBTI+ no Brasil em 2020*, realizado pelo Grupo Gay da Bahia e Acontece Arte e Política LGBTI+. Como estratégia metodológica, busca-se uma composição cartográfica teórico-crítica, a partir da filosofia foucaultiana e deleuze-guattariana, aproximando conceitos e imagens, buscando identificar os tensionamentos discursivos entre afirmação de subjetividades *queer* e uma possível censura, que, numa perspectiva ética, poderia, no limite, significar no nível simbólico ou incitar no nível físico o aniquilamento do *outro* enquanto corpo e existência sensível.

**Palavras-chave:** cultura queer; comunicação; estética; censura; poder.

**Abstract:** This essay approaches, from a transdisciplinary perspective, issues related to communication, culture, and aesthetics. It aims to problematize gender discourse in the media field, highlighting the representation of LGBTQIA+ and stressing questions about the conformation of power in its political, religious, and cultural expressions. It seeks to identify in the different objects of culture selected, the LGBT-phobic discourse and its violence against queer subjectivities and bodies. For such an undertaking, we used as an object of analysis and as a starting point for reflection, the exhibition *Queermuseu: cartographies of difference in Brazilian art*, as well as the *Report: Observatory of violent deaths of LGBTI+ in Brazil in 2020*, carried out by Grupo Gay da Bahia and Acontece LGBTI+ Art and Politics. As a methodological strategy, a critical-theoretical cartographic composition is sought from Foucault's and Deleuze-Guattari's philosophy, approaching concepts and images, seeking to identify the discursive tensions between the affirmation of queer subjectivities and a possible censorship, which, from an ethical perspective, could ultimately signify at the symbolic level or incite at the physical level the annihilation of the other as a sensible existence and body.

**Keywords:** queer culture; communication; aesthetics; censorship; power.

## 1 PRELIMINARES

A proposta deste artigo é abordar a problemática da LGBTfobia no escopo das expressões midiáticas, incluindo acontecimentos no campo das artes, da cultura e da política. Busca-se construir um percurso teórico-metodológico acerca do fenômeno da ascensão de um regime identificado com o fascismo no Brasil, expondo a violência contra minorias políticas, particularmente contra os membros da comunidade LGBTQIA+. No Brasil, segundo dados recentes, 2,9 milhões de pessoas se declaram integrantes da comunidade LGBTQIA+<sup>1</sup>, e o índice de mortes apontado recentemente pelo relatório do grupo Gays da Bahia, é de uma morte a cada 23h<sup>2</sup>, o que coloca o Brasil no ranking dos países mais violentos do mundo. O relatório Mundial Transgender Europe, mostra que: “de 325 assassinatos de transgêneros registrados em 71 países nos anos de 2016 e 2017, um total de 52 % - ou 171 casos ocorreram no Brasil”.<sup>3</sup> Considerando o alarmante quadro de violência contra as pessoas, de modo

<sup>1</sup> Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2022-05/ibge-divulga-levantamento-sobre-homossexuais-e-bissexuais-no-brasil>. Acesso em: 28 abr. 2023.

<sup>2</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/05/17/brasil-registra-uma-morte-por-homofobia-a-cada-23-horas-aponta-entidade-lgbt.ghtml>. Acesso em: 28 abr. 2023.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.fundobrasil.org.br/blog/a-lgbtfobia-no-brasil-os-numeros-a-violencia-e-a-criminalizacao>. Acesso em: 28 abr. 2023.

geral, identificadas, com a cultura queer, seja por orientação sexual ou identidade de gênero, se faz necessário questionar os processos de minorização desses grupos, desde sua configuração simbólica, seja por apagamento da diferença ou censura, ao ato da violência física, quando ocorre o aniquilamento do corpo que não se enquadra nos ditames e prerrogativas de uma cultura patriarcal e cis-heteronormativa. O propósito desse artigo, é discutir desde um ponto de vista comunicacional, estético e filosófico, a LGBTfobia, questionando, desde os sistemas simbólicos, a estruturas mais profundas da sociedade, em relação ao poder e suas manifestações institucionais e discursivas. Para tal discussão, abordaremos a problemática em torno da censura no campo da arte, do fundamentalismo religioso, dos discursos e enquadramentos visuais na mídia corporativa, as instituições públicas como tecnologias aparelhadas e por fim, casos explícitos de violência contra a comunidade LGBTQIA +, as pessoas queer.

**Figura 1:** Homicídios de LGBT - Brasil registra morte de um LGBT a cada 23h



**Fonte:** Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/05/17/brasil-registra-uma-morte-por-homofobia-a-cada-23-horas-aponta-entidade-lgbt.ghtml>. Acesso em: 28 abr. 2023.

## 2 CENSURA NA ARTE

O cenário contemporâneo no Brasil, desde 2017, não tem sido favorável às identidades LGBTQIA+, diga-se, as pessoas *queer*, revelando um extrato societário que exerce poder e violência através dos sistemas simbólicos, exercendo contra esses indivíduos um tipo determinado de exercício de poder, *produção de minorização* e

controle do divergente no nível de suas subjetividades, podendo obter daí, resultados sem exercer a força física. Os sistemas simbólicos exercem poder sobre os indivíduos, podendo obter resultados em relação a certos objetivos, sem o exercício explícito da força física. De acordo com Bourdieu (1989, p. 15), o poder simbólico,

[...] poder subordinado, é uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder [...] garante uma verdadeira transubstanciação das relações de força, fazendo ignorar-reconhecer a violência que elas exercem objetivamente, transformando-as assim em poder simbólico, capaz de produzir efeitos reais sem dispêndio aparente de energia.

O significado de *queer*, derivado do inglês, postula o diverso da heteronormatividade, ou seja, indivíduos e coletivos que não se identificam com as normas heteronormativas em relação a orientação e a identidade de gênero, sendo, portanto, pessoas que transitam na gama das possibilidades do gênero. O *queer*, termo usado de forma pejorativa para identificar o *estranho* em inglês, tem fundamento na concepção do anormal, fora dos padrões hegemônicos. O termo *queer*, ao longo de sua história, ganhou projeção internacional, a partir dos anos 80, quando ativistas começaram a empregar politicamente a expressão a fim de criar um conceito mais amplo para abarcar a diversidade da comunidade, na época, identificada como LGBT. A percepção política da expressão *queer* migrou dos movimentos sociais para o espaço cultural e teórico. Para Butler (2002, p. 3),

El término *queer* surge como una interpelación que plantea la cuestión de la fuerza y de la oposición, de la estabilidad y la variabilidad en el seno de la performatividad. Este término ha operado como una práctica lingüística cuyo propósito ha sido el de la degradación del sujeto al que se refiere o, más bien, la constitución de ese sujeto mediante ese apelativo degradante. *Queer* adquiere todo su poder precisamente a través de la invocación reiterada que lo relaciona con acusaciones, patologías e insultos. Se trata de una invocación a través de la cual se ha ido estableciendo un vínculo entre comunidades homofóbicas. Esta interpelación se hace eco de otras interpelaciones pasadas y una a todos los hablantes como si éstos hablaran al unísono a través del tiempo. Se trata de un coro imaginario que increpa “¡marica!”.

É nesta perspectiva que a problemática das linguagens simbólicas, particularmente as que se constituem no campo cultural, como a arte, se tornam relevantes para a produção das subjetividades em sua experiência concreta de vida. Os produtos culturais acionam, no horizonte perceptivo, a dimensão de um possível para as expressões individuais ou coletivas, incluindo a expressões relativas ao gênero.

**Figura 2:** Queer



**Fonte:** Disponível em: <https://www.telavita.com.br/blog/queer>. Acesso em: 28 abr. 2023.

### **3 VIOLÊNCIA SIMBÓLICA E PATRIARCADO**

O atual quadro de violência contra as minorias políticas ganhou dimensão institucionalizada na medida em que um regime de poder identificado com o fascismo e a ideologia patriarcal, ganhou força desde o ano de 2017, estando presente ainda em vários estratos societários, inclusive, nas redes sociais. Sendo o patriarcado o sistema de poder que prevalece nos seguimentos conservadores e LGBTfóbicos, iremos a seguir, abordar a relação do patriarcado com a sexualidade, assim como, com as expressões contrárias a diversidade, a cultura queer. Segundo Tiburi (2020, p. 59),

Patriarcado é um nome estranho para muitas pessoas que consideram natural a ordem social existente. Ele representa a estrutura que organiza a sociedade, favorecendo uns e obrigando outros a se submeterem ao grande favorecido que ele é, sob pena de violência e morte. É claro que qualquer sistema de privilégios é feito para que uns usufruam deles enquanto outros devem trabalhar para que o sistema seja mantido.

A sexualidade, portanto, quando projetada num determinado padrão e sentido, como é o caso no modelo patriarcal, em relação a cis-heterossexualidade, diz respeito, também, a uma produção cultural, a uma arquitetura de poder que reduz as possibilidades de expressão de sua potência e natureza, originalmente múltipla e complexa. Essa arquitetura, por vezes difusa, e abstrata no campo simbólico, abarca as engrenagens produtoras do sentido, como é o caso da produção discursiva normativa na mídia e na cultura. Essa produção discursiva, materializa-se em diferentes formatos e gêneros, produzindo imagens e textos, afirmando e operando de forma estruturante no coletivo, gerando consenso e conformidade. Entretanto, patriarcado é uma forma redutora da percepção das potencialidades da sexualidade e orientações de gênero. O patriarcado privilegia a relação heteronormativa, cujo principal fundamento é a procriação. Haveria relação entre o patriarcado e a propriedade privada, o trabalho e o Estado?

Engels (1980), em *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, identificou as estruturas de poder associadas ao controle performativo e funcional dos gêneros. A partir da compreensão dessa relação entre gênero e propriedade privada, trabalho e o Estado, podemos identificar, na estrutura do poder patriarcal, alguns princípios que fundamentam a operação de controle, de violência e exclusão do diverso, do queer, dos LGBTQPIA+, num planejamento estruturado das relações sociais e normativas visando a continuidade do sistema de dominação. Nesse escopo do patriarcado, aqueles que colocam em xeque a estrutura gerativa dos indivíduos e das subjetividades conformes ao mecanismo reprodutor, são chancelados como anormais, degenerados, porque ameaçam a estabilidade e a ordem desse sistema patriarcal. As teorias *queer*, e por aproximação, o feminismo, nos levam a uma compreensão das estruturas que projetam o controle da diversidade. É dentro dessa prerrogativa de poder e controle, que no contexto do patriarcado, o masculino se sobrepõe como o

gênero dominante em relação ao feminino e impõe a todas as outras possibilidades, um processo de submissão ou até mesmo, extinção.

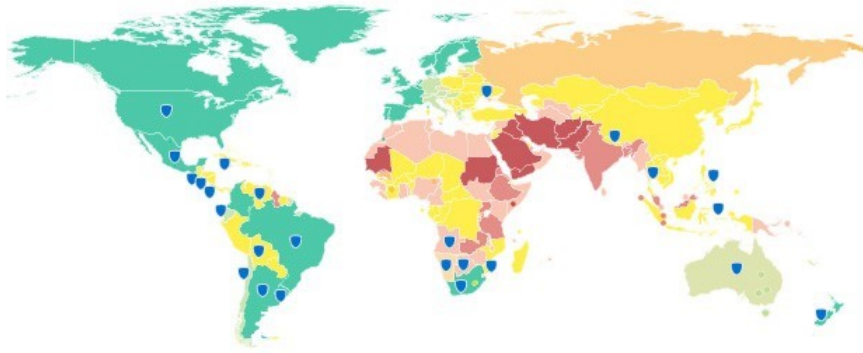
Trata-se, portanto, de um processo de redução das possibilidades expressivas da sexualidade. Seria, no limite, a produção de uma *biopolítica*, segundo Foucault (2008), ou ainda, *necropolítica*, na perspectiva de Mmembe (2006). Em ambos os conceitos o que prevalece é o poder do Estado em escolher através de políticas quem deve viver ou morrer, quem deve se sobrepor, quem deve se submeter. Seja numa prática discursiva, como no caso do discurso médico-psiquiátrico em relação aos homossexuais ou transexuais, que até algumas décadas atrás eram considerados dentro do espectro das doenças mentais. Somente a partir de 1990 a OMS (Organização Mundial da Saúde), aboliu essa classificação<sup>4</sup>.

Os estudos de Michel Foucault sobre as relações de poder, e também de desejo, no plano dos discursos, foram fundamentais para uma visão contemporânea em relação as pessoas *queer*. Ainda que progressos tenham sido registrados, especialmente no Ocidente, desde o séc. XIX, em alguns países do mundo, a homossexualidade ainda é proibida, como é o caso da Rússia, e em alguns casos, pode ser punida com a morte, como Arábia Saudita e Emirados Árabes.<sup>5</sup> É nesse sentido, que a biopolítica se estabelece em sua relação com os indivíduos, onde o Estado atua, com tecnologias diversas para coibir, manipular ou até mesmo exterminar indivíduos tidos como indesejáveis, criando com isso, uma arquitetura calcada na moralidade e nos costumes, onde o patriarcado enquanto força de dominação masculina, assume as estruturas de poder, incluindo o meios simbólicos e comunicacionais. Qual seria, portanto, o atual desenho do Estado em relação à configuração das políticas e hierarquização dos valores e crenças que se projetam na sociedade? Qual seria o papel do patriarcado nessa configuração? Quais seriam os efeitos dessa configuração sobre as minorias? Abaixo, projeta-se um quadro que ilustra os níveis da relação dos países e as leis em relação a orientação sexual.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/ha-21-anos-homossexualismo-deixou-de-ser-considerado-doenca-pela-oms,0bb88c3d10f27310VgnCLD100000bbccceb0aRCRD.html>. Acesso em: 28 abr. 2023.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/homossexualidade-no-mundo-entre-a-pena-de-morte-e-os-casamentos-gays/-pena-de-morte.html>. Acesso em: 28 abr. 2023.

**Figura 3:** Mapa de países em relação à orientação sexual  
**Leis sobre orientação sexual no mundo**  
 Veja os países que criminalizam e os que reconhecem a homossexualidade



**Criminalização**

- Pena de morte
- Prisão 14 anos a perpétua
- Prisão até 14 anos
- Leis de propaganda que limitam a liberdade de expressão
- Sem penalidade especificada

**Proteção**

- Leis antidiscriminação

**Sem lei específica**

- Leis que penalizam ato sexual foram descriminalizadas ou nunca existiram

**Reconhecimento**

- Casamento
- Substituto ao casamento igual ou quase igual
- Substituto ao casamento claramente inferior

Fonte: ILGA (International Lesbian, Gay, Bisexual, Trans and Intersex Association)



Infográfico elaborado em: 17/06/2016

Fonte: Disponível em:

[http://s2.glbimg.com/uZr9bPpl7W0uJCwDQtjqukhIAkl=s.glbimg.com/jo/g1/f/original/2016/06/20/criminalizacao-homossexualidade-v1\\_sYMNqp.jpg](http://s2.glbimg.com/uZr9bPpl7W0uJCwDQtjqukhIAkl=s.glbimg.com/jo/g1/f/original/2016/06/20/criminalizacao-homossexualidade-v1_sYMNqp.jpg). Acesso em: 28 abr. 2023.

Decorre dessa concepção estruturante das relações entre os gêneros, o patriarcado, um determinado campo projetual, imagético e ou discursivo, onde o macho se auto-afirma como o detentor dos privilégios sociais, colonizador das estruturas e tecnologias de dominação, tal como se revela o próprio Estado como o aparelho repressor, e relega as outras categorias como subalternas e inferiores, exercendo um processo de minorização política e existencial. O falocentrismo impõe-



se como ordem naturalizada, estabelecendo-se como base da cultura e das estruturas do patriarcado. De modo geral, a naturalização do falocentrismo e do patriarcado é revelador de violências e opressões em relação às outras possibilidades e categorias pertinentes à sexualidade. Michel Foucault, na História da Sexualidade, diz que:

Objetar-se-á, sem dúvida que, se para falar do sexo foi necessário tanto estímulo e tanto mecanismo coercitivo é porque reinava, globalmente, uma certa interdição fundamental: somente necessidades precisas – urgências de natureza econômica, utilidades políticas - poderiam suprimir essa interdição e possibilitar alguns acessos ao discurso sobre o sexo, mas sempre limitados e cuidadosamente codificados; falar tanto de sexo, organizar tantos dispositivos insistentes para fazer falar dele, mas sob estritas condições, não é prova de que ele permanece secreto e que se procura, sobretudo, mantê-lo assim? (FOUCAULT, 1988, p. 38).

A sexualidade nos discursos, ora mais velada, ora mais explícita, é reveladora de posicionamentos e afirmações em relação ao espectro vivo da sexualidade, portanto, os tensionamentos e as violências, assim como os processos culturais de afirmação, fazem parte de um campo social onde modelos conservadores e autoritários se opõem à modelos progressistas e inclusivos, diga-se, modelos mais atentos aos desígnios da natureza, integrando como parte da sociedade as variantes para além do masculino e do feminino, a *não binaridade*.

É nesse sentido que os movimentos dos LGBTQIA+, os feminismos, e outros movimentos sociais que buscam reconhecimento e integração dentro do campo social e cultural, se articulam como processo histórico de luta pelo *direito de ser quem se é* (TIBURI, 2020, p. 73), em relação a um movimento do feminismo em comum, que diz respeito a sociedade inclusiva, com *Todas, Todes e Todos*. Segundo a autora, *a violência epistemológica se faz de diversas formas. Todo autoritarismo tem sua epistême*. (Ibidem, p. 75). É dessa forma que a expressão *ideologia de gênero* não se aplica ao campo das pesquisas sobre gênero e sexualidade, por se tratar de equívoco epistemológico, pois essa expressão revela uma intenção de esvaziamento das problemáticas entorno do gênero, como se as orientações sexuais e as identidades de gênero fossem redutíveis a processos meramente ideológicos, quando na verdade, trata-se de uma complexidade, onde há componentes biológicos, sociais, culturais e políticos. É evidente que os condicionamentos são forjados culturalmente, podendo

contemplar a multiplicidade do espectro sexual e de gênero, ou não, mas o fato é que a natureza é reveladora da orientação sexual de cada indivíduo, portanto, impor a *binaridade*, como é o caso do patriarcado e da *cis-heteronormatividade compulsória*, é uma violência em relação a multiplicidade das identidades de gênero e orientações sexuais.

#### 4 QUEERMUSEU: CARTOGRAFIAS DA DIFERENÇA NA ARTE BRASILEIRA: O CASO DA CENSURA

A primeira parte deste ensaio introduz a questão da violência em relação às pessoas LGBTQIA+, diga-se, as pessoas *queer*, ressaltando o confronto pelo *estranhamento* no nível da produção simbólica, estética e cultural. É nesse espaço de produção simbólica que se situa a exposição *Queermuseu: cartografias da diferença na arte brasileira*. Busca-se, neste tópico, introduzir a problemática do controle sobre os corpos, questionando métodos que não se limitam a violência física, mas atuam também no nível do simbólico, portanto, na construção de subjetividades.

Questionamos e refletimos sobre questões de estética, identificando não apenas as formas e sua produção de sentido, mas propriamente a dimensão das *imagens* como parte de *dispositivos*, como agenciadoras de subjetividades, construtoras de sentidos e delimitadoras da percepção. Tomamos a noção de *imagem* no sentido de Debray, ou seja, a *imagem* como uma sombra; *ora, sombra é o nome comum do duplo. (...) aparição suscitada por um deus (phasma), fantasma de um defunto (psyché)*. (DEBRAY, 1993, p. 23). Nesse sentido, podemos compreender *imagem* como uma construção fantasmática, decorrente de um significante, como uma processualidade sígnica, fenomenológica. Dessa forma, podemos considerar que uma *imagem* evoca, instiga os sentidos, estimulando sensações e produzindo uma determinada percepção. Imaginário não seria nada mais do que o repositório, o campo imagético da memória, da mente, onde as imagens disputam seu lugar significante e estruturante das subjetividades. As imagens seriam parte de um conjunto maior, um sistema, um dispositivo que buscam atuar no contexto estruturante da sociedade, particularmente através do campo cultural, onde situa-se a arte, a religião, a educação.

Segundo Foucault, dispositivo seria, grosso modo, um conjunto de relações não apenas materiais, tecnológicas, mas também imagéticas e discursivas. Ele diz:

Através deste termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. (...) entendo dispositivo como um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante. (FOUCAULT, 1979, p. 138).

A problemática da *imagem* revela-se importante devido ao seu uso midiático, onde *imagens* podem atuar como meios socialmente e culturalmente produzidos com fins predeterminados, a fim de definir padrões de comportamento, compreensões e unidades de sentido: um consenso sobre os fatos que definem um campo perceptivo de realidade comum. No universo da cultura *queer*, há, justamente, um processo de desconstrução dos padrões redutores das identidades e suas *imagens* correspondentes, buscando, sobremaneira, ampliar o espectro das possibilidades de gênero, na direção da diversidade. O processo de afirmação *queer*, é, evidentemente, um processo anti-patriarcado. A exposição *queermuseu: cartografias da diferença na arte brasileira*, e seu cerceamento no ano de 2018, deixou marcas na história brasileira, revelando uma dimensão de preconceito e violência contra as pessoas LGBTQPIA+, os *queer, uma minoria política*.

A experiência da exposição *Queermuseu* e de sua censura, é reveladora do tensionamento no campo cultural em relação as imagens, a sua mediatização e de certo modo, o receio, do patriarcado em relação àquilo que deixa de controlar política e esteticamente. A comunidade *queer*, é considerada minoria e sofre politicamente por ser minoria, pois tem pouca representatividade nos espaços de representação institucionais. Por essa razão, o acolhimento de uma exposição que trata da sexualidade num viés não-hegemônico, é tão importante.

Chamar de *minoria política* tem um fundamento. Segundo Tiburi (2020, p. 114):

[...] as chamadas minorias alcançaram um lugar no cenário político por meio da afirmação da identidade. É importante sublinhar que o termo minoria em seu uso isolado perde sua conotação fundamental. Por isso, não apenas por dever didático, devemos falar em minorias políticas. Não poderia deixar de ser assim, uma vez que a participação política implica a entrada do corpo marcado no lugar que o poder reservou para si contra os corpos, aquele lugar onde o poder se exerce para dominar o outro, para subjugar, para submeter, transformando cada um em objeto: o trabalhador no capitalismo, a mulher no patriarcado, o negro na raça, as formas de sexualidades no regime do contrato sexual e do gênero no padrão heteronormativo. A consciência disso levou a um ato de contramarcacão politicamente produtivo: hoje as mulheres se autoafirmam como categoria política, bem como as mulheres negras, os negros, os gays, as lésbicas...

Foucault, em *Vigiar e Punir (1987)*, expõe uma história de interdições do corpo e da sexualidade. O filósofo expõe e reflete sobre um processo histórico de violências que busca, sobretudo, um enquadramento pela moral, pelas crenças e valores, criando dispositivos, em particular no campo discursivo, que buscam submeter e, no limite, aniquilar, aqueles corpos ditos *desviantes*. Segundo o autor, a submissão se dá utilizando-se não mais exclusivamente da força física, como o suplício, mas passa a se utilizar de sistemas simbólicos como a religião, a arte, o sistema jurídico, construindo mecanismos de representação social e cultural, a fim de definir as dinâmicas que operam e exercem poder em relação aos corpos, submetendo-os, limitando-os em suas expressões de desejo e afirmações comportamentais de acordo com um dado programa, um dispositivo. Depreende-se daí que o processo de submissão que, no limite de seu exercício pode chegar ao aniquilamento existencial da diferença, do *outro*, opera não apenas em relação ao corpo físico, mas também na subjetividade que o anima.

Em que medida, a compreensão ou a definição de uma forma identificada como adequada, responderia no nível de possíveis enquadramentos do corpo à norma, ao padrão hegemônico seria geradora de violências? De que forma a negação das ideias na mente, censura, como no caso do *Queermuseu: cartografias da diferença na arte brasileira*, poderiam *afectar* o princípio de existência dos corpos em sua potencial diferença? Como diz Espinoza (2009), *uma ideia que nega a existência de nosso corpo é contrária à nossa mente*, é, portanto, no caso exposto, da censura no Queermuseus, é

negar uma condição estruturante que parte da linguagem simbólica da arte, mas *afecta* o corpo, as sensações, a percepção e o comportamento dos indivíduos.

Compreender essa interação nos permitiria compreender o uso da *imagem*, de um cânone de beleza e de sua dimensão simbólica, e de seu papel na construção de subjetividades. Diga-se, de uma imagem enquanto *corpo simbólico* que gera sensações, e entra em relação dialógica com outros corpos, interagindo e produzindo efeitos de sentido. As imagens propostas no conjunto *Queermuseu* são reveladoras da sexualidade como potencia diversa, através representação plástica mas também da experiência direta com os objetos, com manipulação e estimulação do sentidos através dos materiais. As obras buscam atingir as estruturas sensíveis dos corpos e das subjetividades, questionando as sexualidades diante da diversidade da natureza.

O campo imagético, por sua potencialidade agenciamento e transformação das estruturas de percepção, sensação e comportamentos, torna-se um espaço de competitividade, um campo de disputas políticas e ideológicas pelo monopólio dos meios de produção de expressão do simbólico, em um efetivo jogo de afirmação das condições materiais em sociedade. Essa disputa ficou evidente no processo de fechamento da exposição *Queermuseu: cartografias da diferença na arte brasileira* e os ataques de determinadas alas ultra-conservadoras da sociedade.

Grosso modo, trata-se de um embate entre um processo redutor, no plano das formas (incluindo o corpo enquanto forma e um projeto de sociedade), e a expressão imanente da multiplicidade das formas em sua livre afirmação. Seria, portanto, dentro desse postulado que determinados preceitos estéticos podem estar mais vinculados ao acolhimento e convívio com as diferenças e outros não, diga-se, postulados estéticos mais redutores, idealizando formas, e definindo padrões que delimitam as possibilidades expressivas. O que se considera como *diferença*, pode estar em desalinho com ideologias conservadoras, ou ainda, no caso extremo, ultra-conservadoras, podendo ser considerada como *desviante*, *abjeta*, dentro de um projeto redutor, como é o caso de projetos alinhados com o fascismo, com o nazismo e com os totalitarismos.

Seria, portanto, nesse horizonte de controle da multiplicidade imanente à natureza, de redução das expressões do desejo e sistematização da relação entre corpo e produção, que se dá em diferentes níveis, as práticas de controle, por vias tecnológicas, instrumentais, discursivas, imagéticas, que ora atuam de forma mais explícitas e diretas em relação aos cortes e modulações, ora atuam de forma mais subjacentes e indiretas em seus resultados sobre os corpos.

Os modelos impostos ao corpo, assumem diferentes condições de manifestação e alcance, atingindo diferentes grupos minoritários, mulheres, gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, negros, judeus, ciganos, *estrangeiros* entre outros. Assim, um dos questionamentos de fundo que emerge desses mecanismos e lógicas de dominação, é quem, ou o que se favorece com o estrangulamento das diferenças, com a redução da multiplicidade, da liberdade dos corpos e de suas subjetividades? E quais os meios mais frequentemente utilizados para a construção das condições desse favorecimento? O campo simbólico é certamente um dos meios de atuação dessa disputa pelo controle.

Ficam evidente não apenas as condições materiais que resultam na configuração de uma arquitetura de dominação das minorias políticas, mas também, as prerrogativas de uma dinâmica que garante a existência de mecanismos, subjacentes ou não, para objetivar resultados dentro de uma perspectiva redutora ou de concentração. O poder, em sua descontinuidade, apresenta-se, ora mais, ora menos violento, assumindo diversas modalidades no campo social.

A censura da exposição *Queermuseu: cartografias da diferença na arte brasileira*, de curadoria de Gaudêncio Fidelis, faz parte de uma série de movimentos de intolerância, refletindo práticas de extermínio do *outro*, do *diferente*, do *queer*, que saíram do espaço da representação política e social e incorporaram-se ao espaço cultural, das linguagens simbólicas. A referida exposição foi acusada de pedofilia, de zoofilia e vilipêndio religioso por grupos ultraconservadores, impondo uma economia das formas no campo da expressão artística. A intolerância de gênero ganhou visibilidade em todas as mídias, saindo das páginas policiais e migrando para as

páginas de cultura. A referida exposição sofreu ataques até ser fechada pela instituição cultural acolhedora na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul<sup>6</sup>.

O que fica evidente é que os grupos envolvidos nos ataques, tal como o MBL (Movimento Brasil Livre), um dos principais articuladores do discurso ultraconservador que vinha se materializando, nas redes sociais e nas ações contra a cultura, mostrou-se não compreender o universo representacional e teórico da arte, confundindo, o objeto representado, manifestação de ideias e sensações materializadas e reconhecidas como *objeto de arte*, como ato de apologia. Um objeto de arte permite ao público questionamentos e reflexão crítica sobre um determinado tema. A experiência estética se dá nessa interação entre os sentidos e o intelecto. Assim, dessa forma, onde os membros desse grupo viam apologias, vilipêndio, zoofilia, pedofilia, havia apenas conteúdo sobre expressões da sexualidade, cultura *queer*, questionamentos religiosos, por vezes de forma irônica, sarcástica, crítica, porém, sempre como representação e experiência estética.

**Figura 4:** Criança Viada



**Fonte:** Bia Leite

Uma sucessão de conflitos no campo da cultura emergiu e fez do Brasil um reduto de indivíduos motivados a dar início a processos de transformação do espaço coletivo, de aberto e democrático, à restrito e neofascista, onde a cultura das minorias políticas, em particular a cultura dos LGBTQIA+ não eram mais bem-vindas, ao contrário, passaram a ser atacadas. E, nesse cenário, o Brasil, país mundialmente

<sup>6</sup> Cancelada pelo Santander Cultural após críticas de movimentos religiosos e do Movimento Brasil Livre (MBL), a exposição “Queermuseu – cartografias da diferença na arte da brasileira” reuniu obras de 85 artistas, incluindo os mundialmente conhecidos Alfredo Volpi e Cândido Portinari, no museu de Porto Alegre. (<https://veja.abril.com.br/coluna/rio-grande-do-sul/veja-imagens-da-exposicao-cancelada-pelo-santander-no-rs/>)

conhecido por sua expressão carnavalesca, acolhedora e multicultural, passa a encetar um capítulo dirigido por valores e crenças calcados na ortodoxia neopentecostal, cujo alicerce é a família tradicional identificada com o regime patriarcal.

Vale lembrar que em 1937, na cidade de Munique, Alemanha, o regime nazista organizou uma exposição intitulada de *Arte Degenerada* a fim de definir um padrão estético em conformidade com os valores e crenças ultraconservadores de um programa cuja base é a exclusão, o racismo e a intolerância, resultando no seu projeto extremista, no holocausto.

Em 19 de julho de 1937 é aberta na cidade de Munique, na Alemanha, a exposição que marca o ápice da campanha pública do regime nazista contra a arte moderna: a mostra internacional "Entartete Kunst" [Arte Degenerada]. Organizada pelo presidente da Câmara de Artes Plásticas do reich, Adolf Ziegler, a exposição reúne cerca de 650 obras entre pinturas, esculturas, desenhos, gravuras e livros, provenientes de acervos de 32 museus alemães, consideradas artisticamente indesejáveis e moralmente prejudiciais ao povo pelo governo nacional-socialista alemão (1933-1945), liderado por Adolf Hitler (1889-1945). Os nazistas classificam como "degenerada" (*entartet*) toda manifestação artística que insulta o espírito alemão, mutila ou destrói as formas naturais ou apresenta de modo evidente "falhas" de habilidade artístico-artesanal. Em termos visuais, é degenerada toda obra de arte que foge aos padrões clássicos de beleza e representação naturalista, em que são valorizados a perfeição, a harmonia e o equilíbrio das figuras. Nesse sentido, a arte moderna, com sua liberdade formal de cunho fundamentalmente antinaturalista, é considerada "degenerada" em sua essência. (<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo328/arte-degenerada>)

Os mitos da raça ariana serviram de mote para um regime violento cujo resultado foi o aniquilamento de mais de seis milhões de pessoas em campos de concentração, marcando, pela intolerância e desejo de poder, o início de uma era de declínio e frustração no campo da produção das subjetividades vindouras.

Os regimes neofascistas, ou até mesmo neonazistas, trazem contemporaneamente os enfrentamentos de uma guerra e tentativa de controle do corpo, que tenta exercer sua capilaridade em diferentes instâncias da construção do espaço coletivo, incluindo a cultura. Mesmo que a referida exposição *Queermuseum* tenha sido posteriormente realizada em 2018 no Parque Lage, no Rio de Janeiro, é deletério o fato de que na história recente do País, tenha-se vivido a experiência de um processo violento tal como foi de fato o fechamento dessa mostra de arte, acusada injustamente de pedofilia, zoofilia e vilipêndio. Essa intolerância e falta de



compreensão dos pressupostos e fundamentos da arte, enquanto instituição, da importância de suas práticas simbólicas e representacionais, tem aproximado a sociedade brasileira de uma potencial desconstrução das condições civilizatórias e de convívio com a diferença, sem violência e conflito. O fechamento antecipado dessa exposição abriu espaço para uma série de outros acontecimentos que marcam o *negacionismo* contemporâneo brasileiro. Evidentemente, que essa inscrição não é generalizada, e o Brasil e sua população ainda seguem muito maior do que a expressão neofascista que deixou suas marcas e passa a ilustrar a história dessa Nação.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente artigo abordamos a problemática da discriminação, da exclusão e aniquilamento de pessoas LGBTQIA+, (as pessoas queer), focando a realidade de minorias dentro de um enquadramento político e cultural desfavorável às suas identidades de gênero e orientações sexuais. Trouxemos como complemento uma reflexão acerca da constituição do poder, do controle dos corpos, do desejo, e seu ordenamento dentro do jogo de forças, onde crenças e valores, diga-se, a cultura e as linguagens simbólicas, assumem papel especial dentro da construção do sentido, posicionando dispositivos ora mais, ora menos, favoravelmente a existência dos grupos politicamente minoritários.

No contexto brasileiro de 2018-2022, os dispositivos institucionais e discursivos, incluindo as produções culturais, não corresponderam a um plano mais abrangente e acolhedor dos postulados democráticos e civilizatórios em prol da coexistência de múltiplas possibilidades de identidades, incluindo mulheres trans, gays, lésbicas, bissexuais, negros, judeus e até mesmo, trabalhadores, pessoas pobres, identificadas com a esquerda, entre outros grupos. A experiência desse período ultra-conservador deixa suas marcas na História. Para fundamentar a reflexão crítica sobre o quadro de violência vivido no Brasil de 2018-2022, trouxemos o mais recente Relatório *Observatório de Mortes Violentas de LGBTI no Brasil de 2019-2021*, além da exposição *Queermuseu: cartografias da diferença na arte brasileira*, cancelada antecipadamente

pela instituição acolhedora, o Santander Cultural, em resposta à ações impetradas por grupos ultraconservadores.

O cenário de final de governo identificado com o ultra-conservadorismo, demarca a envergadura do projeto a ser construído pelo governo que atuará a partir de 2023. Possivelmente com uma virada nos postulados, ainda que inicialmente precários, de uma retomada do curso civilizatório no Brasil, afirmando os valores da democracia e de um futuro para as minorias políticas, *virando a página* dessa história nefasta que tantas vítimas produziu.

Após a enxurrada de atos violentos contra as minorias, fica evidente que um *outro* Brasil precisa ser construído e que a violência do regime ultraconservador, uma vez afastada, possa significar uma *imagem do passado*, um erro a ser estudado para não ser repetido por uma população suscetível às produções falsas na mídia, *fake news*. Considera-se como resultado desse processo reflexivo, que a educação e a cultura, enquanto campos de formação e investigação são fundamentais nessa operação de reconstrução de subjetividades dilaceradas pelas *fake news*, a fim de que se tornem capazes de reflexão crítica. De algum modo, as estratégias coletivas, uma vez redesenhadas e os valores de base que garantam uma sociedade democrática, possam ser alicerçados de forma mais efetiva, um horizonte mais promissor poderá, talvez, ser implantado no Brasil, afastando o fantasma do fascismo e seu regime de violência.

## REFERÊNCIAS

AFP. Homossexualidade no mundo, entre a pena de morte e os casamentos gays. **Carta Capital**, São Paulo, 21 ago. 2022. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/homossexualidade-no-mundo-entre-a-pena-de-morte-e-os-casamentos-gays>. Acesso em: 28 abr. 2023.

ALTHUSSER, L. P. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 7. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

BOURDIEU P. **O poder simbólico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BRAGA, R. M. C. A indústria das fake news e o discurso de ódio. *In*: PEREIRA, Rodolfo Viana (org.). **Direitos políticos, liberdade de expressão e discurso de ódio**: volume I. Belo Horizonte: Instituto para o Desenvolvimento Democrático, 2018. p. 203-220. Disponível em: <http://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/4813>. Acesso em: 31 jul. 2022.

BUTLER, J. P. Criticamente subversiva. *In*: MÉRIDA JIMÉNEZ, R. M. (ed.). **Sexualidades transgressoras**: uma antologia de estudos queer. Barcelona: Icaria, 2002. p. 55-79. Publicado originalmente como “Critical queer”, em *CLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies*, n. 1, 1993.

BUTLER, J. P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

BUTTERMAN, S. **Invisibilidade vigilante**: representações mediáticas da maior parada gay do planeta. São Paulo: nVersos, 2012.

CASTELLS, M. **Redes de esperança e indignação**: movimentos sociais na era da Internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

DEBRAY. R. **Vida e morte da imagem**: uma história do olhar no ocidente. Petrópolis: Vozes, 1993.

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

ESPINOZA, B. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FOUCAULT M. **A ordem do discurso**. Porto Alegre: Edições Loyola, 1999.

FOUCAULT M. **A arqueologia do saber**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

FOUCAULT M. **Microfísica do poder**. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT M. **Nascimento da Biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT M. **A História da Sexualidade I: a vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FUNDO Brasil. A LGTBfobia no Brasil: os números, a violência e a criminalização. [S. l., 202-]. Disponível em: <https://www.fundobrasil.org.br/blog/a-lgbtfofia-no-brasil-os-numeros-a-violencia-e-a-criminalizacao>. Acesso em: 28 abr. 2023.

GASTALDI, Alexandre Bogas Fraga *et al.* (org.). **Observatório de mortes violentas de LGBTI+ no Brasil - 2020**: Relatório da Acontece Arte e Política LGBTI+ e Grupo Gay da Bahia. Florianópolis: Editora Acontece Arte e Política LGBTI+, 2021.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. Paris: Presses de Sciences Po, 2006.

SAMMARCO, Pedro. Queer: entenda o significado e como surgiu o termo. *In*: TELAVITA, [S. l., 202-]. Disponível em: <https://www.telavita.com.br/blog/queer>. Acesso em: 28 abr. 2023.

SANTOS, Fábio. Homossexualidade não é doença segundo a OMS; entenda. *In*: PORTAL Terra, [S. l., 202-]. Disponível em: <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/ha-21-anos-homossexualismo-deixou-de-ser-considerado-doenca-pela-oms,0bb88c3d10f27310VgnCLD100000bbcceb0aRCRD.html>. Acesso em: 28 abr. 2023.

SOUSA, Viviane; ARCOVERDE, Léo. Brasil registra uma morte por homofobia a cada 23 horas, aponta entidade LGBT. **Portal de Notícias G1**, São Paulo, 17 maio 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/05/17/brasil-registra-uma-morte-por-homofobia-a-cada-23-horas-aponta-entidade-lgbt.ghtml>. Acesso em: 28 abr. 2023.

TIBURI, M. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

TOKARNIA, Mariana. IBGE divulga 1º levantamento sobre homossexuais e bissexuais no Brasil. **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, 25 maio 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2022-05/ibge-divulga-levantamento-sobre-homossexuais-e-bissexuais-no-brasil>. Acesso em: 28 abr. 2023.

---

## SOBRE OS AUTORES

### Maximiliano Oscar Zapata

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS).

**Currículo Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/7480702631988108>

**E-mail:** maximilianozapata@icloud.com

### Fábio Pezzi Parode

Professor da Universidade Federal do Ceará. Doutor em Estética pela Université de Paris 1 - Panthéon Sorbonne. Mestre em Ciências da Comunicação pela UNISINOS.

**Orcid:** <https://orcid.org/0000-0002-7602-8865>

**Currículo Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/2559908721277242>

**E-mail:** fparode@gmail.com

### Agemir Bavaresco

Professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Doutor em Filosofia pela Université de Paris 1 - Panthéon Sorbonne.

**Orcid:** <https://orcid.org/0000-0002-7967-4109>

**Currículo Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/6597683266934574>

**E-mail:** abavaresco@pucrs.br

### Nythamar Hilario Fernandes de Oliveira Junior

Professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Doutor em Filosofia pela Université de Paris 1 - Panthéon Sorbonne.

**Orcid:** <https://orcid.org/0000-0001-9241-1031>

**Currículo Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/3541527557611037>

**E-mail:** nythamar.oliveira@pucrs.br

## COMO CITAR ESTE ARTIGO

ZAPATA, Maximiliano Oscar; PARODE, Fábio Pezzi; BAVARESCO, Agemir; OLIVEIRA JUNIOR, Nythamar Hilario Fernandes de. Cultura queer e LGBTfobia: poder, estética e comunicação. **Passagens:** Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, v. 14, n. esp., p. 34-54, jun. 2023.

**RECEBIDO EM:** 27/12/2022

**ACEITO EM:** 28/04/2023

**PUBLICADO EM:** 18/06/2023



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional